

INVISIBILIDADE FEMININA NEGRA EM SORTE DE LUCIENE CARVALHO

BLACK WOMEN'S INVISIBILITY IN THE WORK OF LUCIENE CARVALHO

Samara Cristina Lopes Rodrigues¹
Edson Flávio Santos²

Recebimento do Texto: 27/03/2025

Data de Aceite: 25/04/2025

Resumo: Neste trabalho, analisamos o poema *Sorte* da escritora mato-grossense Luciene Carvalho, presente no livro *Na Pele* (2020). A obra aborda a realidade de corpos negros, com foco nas vivências femininas, refletindo as dores impostas pelo contexto sócio-histórico do Brasil. O poema provoca reflexões sobre o lugar da mulher negra no mundo contemporâneo e as estruturas que afetam sua mobilidade. Contamos com os estudos de Gonzalez (2022), Hooks (2019), Davis (2018), Collins (2016) e Dalcastagnè (2014) para aprofundar as discussões sobre a escrita feminina negra e a importância do protagonismo de mulheres negras na literatura.

Palavras-chave: Corpo negro. Literatura mato-grossense. Protagonismo. Resistência. Representatividade.

Abstract: In this paper, we analyze the poem *Sorte* (Luck) by Mato Grosso writer Luciene Carvalho, featured in the book *Na Pele* (On the Skin) (2020). The work addresses the reality of black bodies, focusing on female experiences, reflecting the pain imposed by Brazil's socio-historical context. The poem provokes reflections on the place of black women in the contemporary world and the structures that affect their mobility. We draw on the studies of Gonzalez (2022), Hooks (2019), Davis (2018), Collins (2016), and Dalcastagnè (2014) to deepen the discussions on black female writing and the importance of black women's protagonism in literature.

Keywords: Black Body. Literature from Mato Grosso. Protagonism. Representation. Resistance.

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. Possui Graduação/Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Inglesa e respectivas Literaturas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2022). Participou como bolsista do Programa de Iniciação à Docência de Língua Portuguesa PIBID (2017-2018) e do Programa de Residência Pedagógica (2020-2021). E-mail: samara.rodrigues@unemat.br

² Docente credenciado no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso, onde cursou doutorado e mestrado. É escritor, ator, produtor cultural e pesquisador. Possui obras de escrita criativa e científica publicadas, como Aldrava (2020), As utopias e resistências de Pedro Casaldáliga - Escritos e Escolhidos (2021), Intermitência (2023) e Antes do Amanhã (2024). E-mail: edson.flavio@unemat.br

Introdução

Durante muito tempo, as obras literárias produzidas no país, não se preocupavam em escrever sobre o cotidiano e/ou as vivências dos grupos sociais inferiorizados, e, quando representados, eram apresentados sempre sobre uma ótica estereotipada (submissos, destituídos de vontades, sem voz ativa e objetificados), animalizados (selvagens e sem instrução), totalmente desumanizados.

A literatura brasileira canônica, ao longo dos anos, refletiu os paradigmas de dominação cultural da branquitude. A representação, de personagens negras, nestas obras, esteve sempre permeada por um distanciamento racial, o que, na maioria das vezes, reproduzem estereótipos. A mulher negra, por exemplo, foi extremamente sexualizada nos cânones literários, com estereótipos de “negras ardentes” e “mulatas assanhadas”, objetos sexuais dos homens brancos, reforçando a visão de uma sociedade racista, machista e elitista.

Sobre isso podemos destacar as palavras de Hooks (2019):

[...] Várias pessoas têm dificuldade em apreciar mulheres negras da maneira que somos, porque querem impor uma identidade a nós, baseada em vários estereótipos negativos. Esforços difundidos para continuar a desvalorização da mulheridade negra torna extremamente difícil, e muitas vezes impossível, para mulheres negras, desenvolver um autoconceito positivo. Afinal, somos diariamente bombardeadas por imagens negativas [...] (HOOKS, 2019, p. 131)

Ao falar do cânones literários brasileiros, é notória a exclusão de produções literárias de escritoras negras, pois, estes corpos foram relegados à marginalização, ao silenciamento e ao esquecimento. É necessário compreender a constituição sócio-histórica do Brasil, para que se possa delimitar as justificativas para a invisibilidade de escritoras e protagonistas negras, e consequentemente a marginalização da literatura desempenhada por elas.

Com a crescente onda de estudos, debates e produções sobre as vivências e subjetividades que transpassam as existências negras no Brasil, o espaço literário tem sido, felizmente, influenciado e consequentemente, tem-se o aumento de

produções literárias e consumo de obras escritas por pessoas negras. Essa recente literatura de autoria negra no Brasil, contém um número reduzido de produções, se comparada com as demais, nesse mesmo sentido, os textos de autoria de mulheres negras são ainda mais escassos, e estão distantes de ocupar um lugar de prestígio nacional.

Desse modo, é muito importante a escrita e publicação de autoria feminina negra que confere protagonismo às mulheres negras, pois descrevem e elaboram as narrativas através de uma perspectiva atenta às particularidades desse universo feminino, mostrando diferentes formas de questionar e representar o lugar das mulheres nas tradições culturais, permitindo que elas encontrem suas próprias vozes, gritos silenciados há muito, por um sistema patriarcal. Dentro desta perspectiva faz-se necessário evidenciar a importância da escrita de autoria feminina negra, tendo em vista que dentro do contexto sócio-histórico brasileiro, estas ocuparam e seguem ocupando à extrema margem social.

Nesse sentido, Silva (2011) afirma que:

Pretende-se com a literatura afro-feminina elaborar discursos em que se possam fiar e ficcionalizar mazelas advindas de práticas racistas e sexistas, mas também, em tom de lirismo, tecer versos e prosas que re-elaborem identidades, entoem e inventem amores, dissabores, dores, histórias, resistências e ancestralidades (SILVA, 2011, p. 98).

A escrita de autoria afro-feminina, conforme terminologia utilizada por Silva (2011), evoca uma voz poderosa e necessária ao abordar questões de raça, gênero e classe social, por uma perspectiva íntima de vivência, nos conduz a refletir sobre o lugar de fala desses sujeitos na literatura brasileira.

Sob esse aspecto, Dalcastangè (2012) assinala que:

[...] cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais. Ou seja, eles se tornam mais conscientes das dificuldades associadas ao lugar da fala: quem fala e em nome de quem (DALCASTANGÈ, 2012, p. 18).

É fundamental que os grupos que estão à margem da sociedade produzam obras literárias, pois essas escritas trazem uma perspectiva mais íntima das vivências e experiências que muitas vezes são negligenciadas pela literatura tradicional. Desta maneira, a escrita produzida por esses grupos pode significar como uma forma de resistência a um sistema opressor que sempre os exclui, através da literatura é possível que se expressem e sejam ouvidos.

A narrativa de autoria feminina negra tem por objetivo, ir além dos aspectos do cotidiano feminino e da reafirmação dos lugares sócio e historicamente relegados às mulheres negras, viabiliza transcender os lugares marginalizados, abrindo portas para possibilidade de novos arranjos e novas conjunturas. Considerando o empoderamento das mulheres negras através das nuances do mundo feminino.

As produções de autoria de mulheres negras são de extrema importância para a literatura brasileira, pois além de evidenciar a cultura afro-brasileira, problematiza o espaço social que as pessoas negras ocupam na sociedade. Através da escrita, autoras negras dão voz a experiências e perspectivas que muitas vezes são marginalizadas e silenciadas na sociedade brasileira.

Ao abordar questões como racismo, sexismo e desigualdade, contribuem para ampliar o diálogo sobre essas questões e tentar promover a mudança social, “Como arte da palavra, a literatura afro-feminina valoriza legados intelectuais e culturais africano- brasileiros da tradição, saberes e práticas ancestrais de populações negras e desconstrói discursos poéticos e ficcionais que promovem seu recalque [...]”, conforme Silva (2011, p.101).

A escrita de mulheres negras, pode contribuir para a luta por emancipação e conquista de espaço na sociedade, além de possibilitar que suas vozes sejam ouvidas e suas experiências compartilhadas, podendo gerar impacto em novas gerações, pois, muitas vezes é a partir das experiências de negras e negros, de suas vivências e de seu ponto de vista que se tecem as narrativas e poemas. Utilizando a escrita essas autoras (re)existem e (re)afirmam sua integridade e sua totalidade enquanto seres humanos, rompendo com o racismo institucionalizado, entranhado na prática literária até então.

Luciene Carvalho, mulher negra, é escritora, poeta, declamadora performática, nascida em Corumbá – MS, moradora de Cuiabá -MT desde 1974, obtém o título de cidadã cuiabana. É Presidente da Academia Mato-Grossense de

Letras/AML, a primeira mulher negra a assumir a presidência de uma academia de letras no Brasil. Seu trabalho é reconhecido internacionalmente, sua obra poética foi apresentada em Londres no ano de 2014. Suas obras são de grande importância para a literatura mato-grossense, com escritos cheios de regionalidade e que se inspira nas experiências vividas, para produção poética.

Luciene publicou *Conta-gotas; Sumo da lascívia; Aquelarre ou o livro de Madalena; Porto; Cururu e Siriri do Rio Abaixo* (Instituto Usina); *Caderno de caligrafia* (Cathedral); *Teia* (Teia 33); *Devaneios poéticos: coletânea* (EdUFMT); *Insânia* (Entrelinhas) e *Ladra de flores e Dona* (Carlini & Caniato). Estas obras conquistaram prêmios e condecorações. Parte importante do seu trabalho, como declamadora, se faz em shows poéticos em que une figurino, efeitos cênicos e trilhas musicais para oferecer sua poesia viva e colocá-la a serviço da emoção da plateia.

A autora supracitada ocupa a cadeira nº 31 da Academia Mato-grossense de Letras. Deste modo é perceptível a importância de Luciene Carvalho para o cenário literário Mato-grossense, pois conforme Battista e Silva (2021, p. 42) “A literatura para Luciene é a sua própria subsistência, a sua poesia é literalmente o seu pão, pois vive da arte e para arte”. Pois, além de se dedicar à escrita, a poeta preocupa-se em performar seus escritos, declamando e encenando seus versos para o público, o que possibilita uma imersão completa em sua arte.

Ainda de acordo com Battista e Silva (2021), Luciene Carvalho:

Plenamente consciente de sua condição, ou seja: mulher, negra e pobre num país marcado pelo preconceito, discriminação não seria estimulada por alguém a ser escritora e poeta, viver de sua arte num país que ainda traz o ranço elitizado das letras que parece determinante, ainda, visto que, ao longo do processo histórico brasileiro, o espaço literário não foi concebido para mulheres, negros e pobres (BATTISTA e SILVA, 2021, p. 43).

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas por ser uma mulher, negra e periférica, a autora afirma ser insaciável pela escrita, o que a impulsiona a romper as barreiras sociais, raciais e de gênero e se destacar no cenário literário mato-grossense.

O poema *Sorte*, objeto de análise deste estudo, está presente no livro

de nome *Na Pele*, publicado no ano de 2020. Essa obra foi escrita no período pandêmico, contendo versos que abordam as mudanças nos dias de quarentena da poeta, seus fluxos e percurso, e foi lançada no dia 26 de dezembro em um formato inédito exibido na TV Assembleia do Estado de Mato Grosso. Essa obra aborda questões que atravessam a existência de corpos negros, com enfoque nas experiências femininas. Os versos retratam as diversas dores, as quais o corpo negro é condicionado a suportar, devido ao contexto sócio, político e histórico do país. Ele nos leva a refletir sobre o lugar da mulher negra no mundo contemporâneo, e as configurações que afetam a transitividade desses corpos.

Deste modo, ao escrever sobre temáticas relacionadas às vivências das mulheres negras, Luciene, nos proporciona a possibilidade de reflexão sobre como a ideologia racista, sob a qual nossa sociedade está estruturada, molda a percepção coletiva sobre raça e gênero. Tendo em vista que essa ideologia corrobora para a visão de que a identidade feminina seja monopolizada por mulheres brancas, excluindo sistematicamente mulheres de outras raças. Portanto, a escrita feminina de autoria negra é essencial para desconstruir essas hierarquias e promover um espaço onde todas as vozes e pluralidades femininas sejam reconhecidas e valorizadas.

De acordo com Hooks (2019, p. 199) “a ideologia racista branca sempre permitiu que mulheres brancas assumissem que a palavra “mulher” é sinônimo de ‘mulher branca’, porque as mulheres de outras raças são sempre consideradas as Outras, seres desumanizados que não cabem sob o título ‘mulher’ [...]”.

A poesia de Luciene representa um corpo que foi invisibilizado, desumanizado e esquecido por uma sociedade constituída através da exploração e estigmatização de pessoas pretas, relegando-as à subalternidade e ao silenciamento. A corporeidade da obra, traz denúncias aos aprisionamentos impostos aos corpos negros e retrata as múltiplas opressões a que estão sujeitos cotidianamente.

Da Pele ao Verso: Vozes poéticas em Luciene Carvalho

O poema *Sorte* pode ser definido como um poema lírico, pois expressa a subjetividade do eu-poético em relação à sua condição social. O poema apresenta elementos narrativos, como personagens, diálogo e tempo. Ele é composto por apenas uma estrofe, com versos livres e de fluxo narrativo contínuo. Ele apresenta

um diálogo entre duas amigas, os eventos são narrados pela perspectiva de uma das mulheres, uma mulher negra.

“SORTE E a minha amiga disse:
“Você tem sorte!
Com essa cor, nem demonstra
a idade que tem!!!” Agradeço.
Afinal, tenho sorte; por toda parte,
o não estampar a idade me traz benefícios.
Os melhores ofícios
são reservados pra mim.
Sempre foi assim!
“Não, não,
esta vaga será dela,
pois ela
não terá rugas precoces.
Ou
“Imagina!
Esta menina
terá a pele mais lisa.
Precisa ser escolhida
para essa promoção...”
Sei que minha amiga
está lotada de boa intenção,
todavia ela não sabe nada
do complexo sistema
que coloca cada vida num lugar:
entre a honestidade aberta e a condescendência,
não estou certa sobre qual fere mais minha existência.
Olho pra amiga de longa data que não sabe
o universo
que minha pele delata.
Ela nunca me viu?!!!
Suspiro, certa do incompreensível, e digo pra amiga:
Bobagem, é Renew”” CARVALHO, 2020)

O primeiro verso do poema “*E a minha amiga disse:*”, além de transmitir um tom de informalidade, pode gerar maior aproximação do leitor, pois desperta curiosidade sobre o assunto que possivelmente será narrado em seguida, tendo em vista, a verossimilhança com uma conversa cotidiana.

Os quatro versos seguintes “*Você tem sorte! / Com essa cor, / nem demonstra / a idade que tem!!!*” representam a fala da amiga sobre a pele do eu-

poético que narra o poema. Esses versos nos revelam que se trata de uma mulher branca falando sobre a pele de uma mulher negra, pois socialmente é construído o imaginário de que a pele negra é mais resistente ao envelhecimento do que a pele branca. Esse imaginário é fruto de uma visão racista que associa a pele negra à força física e à servidão, desconsiderando a humanidade e a diversidade das pessoas negras.

Além da questão racial, esses versos revelam nuances sobre problemáticas relacionadas ao envelhecimento de mulheres, pois o machismo afeta negativamente a maneira como as mulheres encaram o envelhecer. A mulher que demonstra fisicamente a idade que tem é vista como algo ruim, resultado da construção social de violação da liberdade, do espaço e do corpo feminino, reforçando os estereótipos em relação às mulheres maduras.

Em seguida nos é apresentado os seguintes versos: “*Agradeço. / Afinal, tenho sorte; / por toda parte, / o não estampar a idade / me traz benefícios. / Os melhores ofícios / são reservados pra mim. / Sempre foi assim!*”, nos quais, através da ironia o eu-poético, ao narrar os fatos a partir de sua perspectiva, demonstra que este não ocupa um lugar de privilégio, mesmo que sua pele não denuncie a idade que tem. Ao apresentar esses versos, a autora possibilita a reflexão sobre como a pele negra é estereotipada, bem como, as violências pelas quais são sujeitas.

Os versos que dão sequência ao poema, agora narrados em terceira pessoa, continuam reafirmando, de maneira irônica e com certa acidez, a inversão da realidade enfrentada por mulheres negras na sociedade brasileira, como é possível observar: “*Não, não, / esta vaga será dela, / pois ela / não terá rugas precoces.*” / Ou / “*Imagina! / Esta menina / terá a pele mais lisa. / Precisa ser escolhida / para essa promoção...*”. Muito distante daquilo que meninas e mulheres de pele negra são sujeitadas em seu dia a dia, esse recurso, pode ter sido utilizado, para despertar a consciência do leitor, tendo em vista, que é possível observar todos esses privilégios descritos nos versos sendo destinados, na verdade, às pessoas de pele branca.

Posteriormente, o poema volta a ser narrado em primeira pessoa, o que possibilita o entendido da retomada do diálogo empreendido entre a voz poética e o leitor, de maneira direta: “*Sei que minha amiga / está lotada / de boa intenção, / todavia ela não sabe nada / do complexo sistema / que coloca cada / vida num*

lugar: / entre a honestade aberta / e a condescendência, / não estou certa / sobre qual fere mais / minha existência.”. Neste momento, é possível verificar a denúncia feita quanto aos privilégios que a branquitude proporciona, pois deixa evidente, o pouco, ou nenhum, entendimento da amiga (de pele branca), dos infortúnios aos quais aquela mulher negra, assim como tantas outras, são vítimas em uma sociedade extremamente racista. Além disso, esses versos, demonstram dor e sofrimento, da mulher de pele negra ao perceber a falta de percepção e empatia de sua amiga.

Por fim, os versos de desfecho do poema, são de extrema sensibilidade e dor: “*Olho pra amiga/ de longa data / que não sabe / o universo / que minha pele delata. / Ela nunca me viu?!!! / Suspiro, certa do incompreensível, / e digo pra amiga: / “Bobagem, é Renew”.*” Ao transmitir de maneira tão natural, o entendimento de que, em uma sociedade racista, muito dificilmente pessoas brancas terão a percepção das dores que perpassam as existências negras, bem como, a dificuldade que é apenas sobreviver em um mundo que desumaniza, silencia, desrespeita, mata e rejeita pessoas negras. É a naturalização das dores aos quais os corpos negros são submetidos. O verso “*Ela nunca me viu?!!!*” permanece entalado na garganta de muitas outras mulheres negras pelo nosso país.

É possível perceber que, embora esse poema aborde questões de raça e maturidade feminina, deixa claro que para a mulher negra não há benefícios algum em parecer jovial, sendo que o marcador social que é sua cor, sempre a colocará em posição de desvantagem. A ironia, utilizada como recurso narrativo, sugere que o eu poético reconhece a superficialidade das percepções sociais e a futilidade de tentar mudá-las com soluções superficiais, que neste caso é indicado pela menção ao produto de beleza.

Portanto, para findar esta análise, retornamos ao título do poema, que do mesmo modo, com que todas as escolhas de abordagem nos versos, são explicitamente intencionais, pode-se observar que o título *Sorte* além de contemplar a ironia contida no poema, pode nos rememorar a constituição da nossa sociedade desde a época da abolição.

Tendo em vista que, durante esse processo, o povo negro, escravizado até então, dono de nada e nem de si mesmo, é “liberto” e deixado a própria sorte, sem rumo, sem reparação e, sem os mecanismos necessários para ascensão social, o

que contribuiu diretamente para a manutenção, até os dias atuais, da maioria da população negra em condição de pobreza.

Considerações Finais

Sendo assim, é possível afirmar que a literatura afro feminina pode ser usada como uma maneira de expressão e resistência de mulheres negras, pois abordam questões como racismo, machismo, violência, identidade, ancestralidade etc. Essas produções podem contribuir para a diversificação e enriquecimento da literatura nacional, tendo em vista que agregam novas perspectivas, vozes e estéticas para o campo literário.

Essas escritas podem contribuir para a valorização da história, da cultura e das vivências das mulheres negras no Brasil, que foram violentas, silenciadas e invisibilizadas ao longo do tempo. Pode-se pensar essas escritas como modo de empoderamento e emancipação dessa parte da população, ao reivindicarem o seu lugar de fala e de escrita na sociedade brasileira.

Diante do exposto, faz-se necessário evidenciar a importância de Luciene Carvalho para a literatura mato-grossense e nacional contemporânea, tendo em vista que, sua escrita contempla temas como feminilidade, negritude, identidade, liberdade e (re)existência. Sua atuação tanto como escritora, quanto em outros espaços da arte, no cenário cultural mato-grossense, representa resistência à marginalização e ao silenciamento impostos ao povo negro por séculos. De acordo com suas próprias palavras: “ela é uma ladra de flores que faz versos porque é para isso que presta”.

Referências

ÂNGELA, Coradini. Três poemas do livro “Na Pele” de Luciene Carvalho. **Ruído Manifesto**. Mato Grosso, 2020. Disponível em: Três poemas do livro “Na Pele” de Luciene Carvalho - Ruído Manifesto (ruidomanifesto.org). Acesso em: 20 abr. 2023

BATTISTA, Elisabeth; SILVA, Maria Cleunice Fantinati da. **A poética de Luciene Carvalho e as contribuições para a literatura brasileira**. Disponível em: 25Maria_Cleunice.pdf (todasasmusas.com.br). Acesso em: 20 set. de 2024

BOSI, A. **O tempo e o ser da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977. CARVALHO, L. **Na Pele**. Cuiabá: Carlini & Caniato editorial, 2020.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002.

CANDIDO, A. **O estudo analítico do poema**. 5.ed. São Paulo: Associação Humanitas, 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro. Vinhedo, Editora Horizonte. Editora da Uerj, 2012.

HOOKS, Bell. **E Eu Não Sou uma Mulher? Mulheres Negras e Feminismo**. Tradução de Flávia Rios e Márcia Bandeira. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2019.

SILVA, A. R. S. da. Da literatura negra à literatura afro-feminina. *Via Atlântica*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 91-102, 2010. DOI: 10.11606/va.v0i18.50743. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50743>. Acesso em: 15 set. 2024.